

**“Matou o cara certo que é da sua cor”: chacinas e masculinidades negras nos estudos acadêmicos**

***"killed the right guy who is your color": massacres and black masculinities in academic studies***

***"mataste al tipo correcto que es de tu color": chacinas y masculinidades negras en los estudios académicos***

Alexandre Julião da Silva Júnior<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Pará

Francisco Assis dos Santos Neto<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Pará

Luanna Tomaz de Souza<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Pará

Submissão: 26/03/2023

Aceite: 28/07/2023

**Resumo**

O presente trabalho possui como objetivo investigar de que forma os estudos acadêmicos sobre as chacinas relacionam a questão com o racismo e o debate sobre masculinidades, em especial as negras. Partindo-se de uma compreensão de que as chacinas são acontecimentos violentos em que homens se reúnem para matar outros homens, sendo estas vítimas e autores, em sua maioria homens negros, é possível constatar a sua íntima relação com a masculinidade e com o próprio racismo. Para isso, recorreu-se a análise de teses e dissertações produzidas até fevereiro de 2022, que possuísem como um de seus objetos de pesquisa, as chacinas. Assim, a partir da análise do conteúdo dos trabalhos levantados, conclui-se que embora presente nos eventos violentos das chacinas, a articulação entre masculinidades e o racismo ainda se mostram como pontos ignorados, acabando por restringir a análise das chacinas apenas ao chamado racismo estrutural e colocando a masculinidade como um elemento propulsor de violência, acabando por tecer uma visão limitada sobre estas ocorrências, deixando de compreender a chacina em sua real magnitude.

**Palavras-chave**

Chacina – Masculinidades – Raça - Violência.

## Abstract

The present work aims to investigate how academic studies on massacres relate the issue to racism and the debate on masculinities, especially black women. This is because, starting from an understanding that massacres are violent events in which men gather to kill other men, these victims being mostly black men, it is possible to verify their intimate relationship with masculinity and with the racism. For this, we resorted to the analysis of theses and dissertations that had massacres as one of their research objects. Thus, from the analysis of the content of the surveyed works, it is concluded that although present in the violent events of massacres, masculinities and racism still appear as ignored or simply reduced points, ending up restricting the analysis of massacres only to the so-called structural racism and placing masculinity as a propelling element of violence, ending up with a limited view of these occurrences, failing to understand the slaughter in its true magnitude.

## Keywords

Massacres – Masculinities – Race – Violence.

## Resumen

El presente trabajo tiene como objetivo investigar cómo los estudios académicos sobre las chacinas relacionan el tema con el racismo y el debate sobre las masculinidades, especialmente las masculinidades negras. Esto porque, a partir de la comprensión de que las chacinas son eventos violentos en los que hombres se reúnen para matar a otros hombres, y que las víctimas son en su mayoría hombres negros, es posible verificar su íntima relación con la masculinidad y el propio racismo. Para ello, recurrimos al análisis de tesis y disertaciones que tuvieron como uno de sus objetos de investigación, las chacinas. Así, a partir del análisis del contenido de los trabajos relevados, se concluye que aunque presentes en los hechos violentos de las chacinas, las masculinidades y el racismo aún se muestran como puntos ignorados o simplemente reducidos, terminando por restringir el análisis de las chacinas sólo al llamado racismo estructural y colocando a la masculinidad como elemento propulsor de la violencia, terminando por tejer una visión limitada de estos sucesos, no logrando comprender la chacina en su real magnitud.

## Palabras clave

Chacinas – Masculinidades – Raza - Violencia.

## Sumário

Introdução – Procedimentos metodológicos da pesquisa – Resultados da pesquisa – Masculinidades negras e chacinas – Considerações finais.

O matador não percebe que atirou no próprio espelho  
É só pra isso que a gente tem valor  
Achar que matou o cara certo que é da sua cor  
Guerrilha burra, ignorância cometida  
Não tava pronto pra morrer, mas pronto pra matar  
Há muito tempo eu não fazia minha mãe chorar  
Eu só queria viver  
Eu só queria sonhar  
Mv Bill<sup>4</sup>

## Introdução

A música do Mv Bill lança uma reflexão importante sobre a vulnerabilidade de vida dos homens jovens negros no país. O presente texto representa uma incursão acerca dos estudos sobre chacinas, como forma de verificar em que medida esses estudos compreendem essas vulnerabilidades.

Inicialmente, partimos da compreensão de que “chacina” não constitui um termo jurídico, revestido de formalidade ou que seja reconhecido pelo poder público. Representa, em verdade, “uma forma cotidiana de se referir a um tipo de violência extremada: a execução orquestrada de várias pessoas em uma mesma localidade” (SILVA, SANTOS e RAMOS, 2019, p. 06). Apresenta-se, portanto, como um tipo de episódio que é registrado pelas autoridades policiais como “homicídios múltiplos” (SILVA, SANTOS e RAMOS, 2019), mas que recebe uma nomenclatura diversa na construção cotidiana das comunidades atingidas, que reforça a violência do fato.

É necessário esclarecer desde logo: tal fenômeno, assim como a violência letal no geral, se distribui e incide de forma desigual, direcionado especialmente por marcadores sociais de vulnerabilidade social. Tal fenômeno é constitutivo de uma peça trágica e complexa, na qual comunidades periféricas servem como palco. Homens negros são como protagonistas, vítimas preferenciais de outros homens negros, policiais.

O objetivo, aqui, não é enfrentar todas as possibilidades interpretativas dessa cena, tantas vezes ensaiada e reproduzida e que ajuda a compor a peça da totalidade da violência letal no Brasil. Pensamos ser necessário, em primeiro lugar, observar aquilo que já vem sendo produzido sobre o tema das chacinas, portanto estudos que tenham este termo como elemento central de suas investigações. Dois elementos nos saltam aos olhos ao observar de forma detida esse fenômeno: a raça e o gênero dos atores envolvidos. O direcionamento das chacinas sobretudo sobre homens negros nos direciona a tentar perceber, nos estudos sobre este fenômeno, como dinâmicas raciais e de masculinidade se desdobram.

A violência, no contexto das masculinidades, representa um mecanismo de restituição de poder ou imposição de superioridade, em ambos os casos ordenado por um código relacional de honra (MACHADO, 2001), a partir do qual se ordena uma forma de hierarquização. Nesse sentido, compreenderemos as chacinas nesse contexto, no

qual a frase de Fanon (2008, p. 26) de que “[...] o negro não é um homem”, para além de seu sentido na disputa de um projeto humanista (FAUSTINO, 2016), assume também a função de indicar a desumanização de que é alvo o homem negro.

Assim, destaca-se que se compreende aqui por masculinidades, um aglomerado de ideias e atos que em uma determinada sociedade se encontra definido, estando refletida em todos os atos de sua esfera social (RODRIGUEZ, 2019), ou seja, se constitui como padrões socialmente instituídos que interferem diretamente nas vidas de toda coletividade, partindo da concepção do homem como o detentor do falo (órgão genital masculino), atingindo tanto quem o detém, como os que não o detém.

Da mesma forma, funciona como um modelo em que os indivíduos precisam se ajustar para possuir um determinado grau de respeito, tendo em vista sua função de esquematizar a vida social, interferindo diretamente no ambiente em que se está inserido (FABRETTI & MOREIRA, 2018).

Desse modo, com base nesta narrativa destacada supra, nos propomos, assim, a responder a seguinte pergunta de pesquisa: de que forma estudos acadêmicos sobre chacinas relacionam este fenômeno com o racismo e as masculinidades?

A pesquisa propõe à utilização do método indutivo, com pesquisa qualitativa e técnica de pesquisa bibliográfica. Sobre os parâmetros da bibliografia analisada, foram coletadas e selecionadas dissertações de mestrado e teses de doutorado produzidas até fevereiro de 2022<sup>5</sup> e disponibilizadas nas plataformas da Biblioteca de Teses e Dissertações – BDTD e no Repositório da Capes, se utilizando do termo “chacina” no campo de buscas, para localizá-las. Após o levantamento geral, foram filtrados os trabalhos em que, qualitativamente, o fenômeno em questão representava o objeto central do estudo e, no grupo final, foram investigadas as variáveis de racismo e masculinidade.

Assim sendo, tem-se como objetivo geral da pesquisa, portanto, a investigação de que modo tais estudos sobre chacinas relacionam os elementos da raça e do gênero nestes casos de extrema violência. Nesse ínterim, esperamos demonstrar, além da necessidade de aprofundamento das investigações sobre chacinas, que as investidas no tema devem ter como base uma ampla articulação de marcadores sociais para que se compreenda com maior profundidade um fenômeno tão complexo.

## Procedimentos metodológicos da pesquisa

No período compreendido entre o ano 2000 até o vigente ano, na sociedade brasileira, ocorreu uma série de acontecimentos violentos em que resultaram em mortes múltiplas em curto período, sendo essas denominadas pelos meios midiáticos como chacinas. A forma de execução das mortes em muito se assemelha, o que acabou por gerar uma série de estudos sobre suas ocorrências, sendo esses identificados como eventos em que resultam em várias mortes; em sua maioria ocorridos em periferias ou campo; ocasionados por violência policial ou por ação de milícias e grupos de extermínio.

Nesse sentido, buscando compreender de que forma as chacinas são tratadas nos trabalhos acadêmicos, em específico, acerca da existência de uma problematização destas com as masculinidades e o racismo, se realizou um levantamento de teses e dissertações nos dois principais portais virtuais do País, sendo estes o site da Biblioteca Nacional de Teses e Dissertações e o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

Assim, a pesquisa se deu da seguinte forma: no sítio eletrônico de ambos os sites, dentro do campo de pesquisa se inseriu a palavra CHACINA, aparecendo como resultado 49 trabalhos na Biblioteca Nacional e 31 no portal da CAPES. Destes, 05 trabalhos foram descartados por tratar de ensino a distância, conteúdo divergente ao pesquisado e, 11 trabalhos por não estar disponível no ambiente virtual a sua integralidade.

Após, ao se realizar o comparativo dos trabalhos remanescentes, sendo estes 64, se verificou a existência de 13 trabalhos iguais em ambas as plataformas, sendo estes excluídos do montante, restando a totalidade de 51 trabalhos a serem analisados para realização do presente levantamento. Assim sendo, se realizou a extração dos dados e informações dos trabalhos, culminando com a construção de um mapa cognitivo contendo a síntese dos dados e informações, que resultou o presente trabalho.

Posto isso, se realizou uma divisão dos conteúdos a serem analisados nos trabalhos da seguinte forma com o fito de alimentar o mapa cognitivo: em um primeiro momento se analisou as informações dos autores (nome, programa/universidade, nível acadêmico, sexo, região e ano de defesa) e em um segundo momento, o conteúdo dos

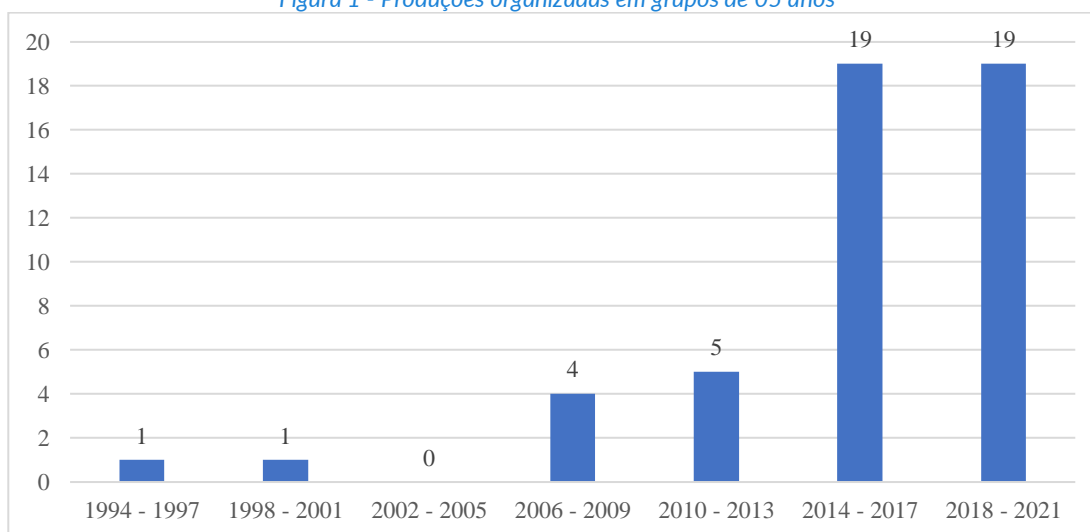
trabalhos propriamente dito (análise de possíveis citações dos seguintes temas: chacina, raça, masculinidade e violência policial).

A partir disso, insta salientar que a análise de conteúdo dos trabalhos ocorreu por meio da leitura de seus resumos e introduções, bem como pelo mecanismo de busca de palavras, sendo colocadas no campo de pesquisa as palavras chaves supramencionadas. Assim se obteve como resultado do presente levantamento, os dados a seguir expostos, complementados por meio da pesquisa teórica e documental.

## Resultados da pesquisa

Com o objetivo de compreender as chacinas como ocorrências interseccionadas com as masculinidades e o racismo, se fez necessário a elaboração do presente estudo, a fim de ampliar e demonstrar o que vem sendo pesquisado e produzido dentro da área acadêmica. Assim sendo, apresenta-se os resultados obtidos neste levantamento sobre as chacinas nos portais de teses e dissertações.

*Figura 1 - Produções organizadas em grupos de 05 anos*



Fonte: Elaboração do autor a partir dos dados coletados nas plataformas

Isso pode ser explicado muito mais pelo aumento desses acontecimentos em operações policiais e outros contextos de violência pelo país do que pela expansão da pós-graduação no país tendo em vista que a partir de 2014-2017 há um processo de desinvestimento no ensino superior em nossa sociedade (SCHWARTZMAN, 2022).

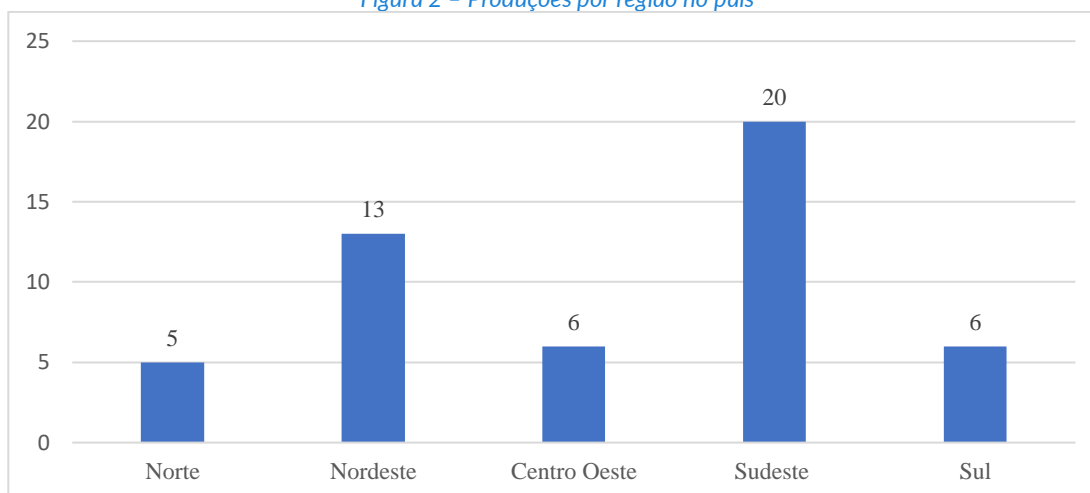
De outro lado pode significar que as pessoas que entraram pelas políticas de ação afirmativa começam a trazer tais temas para a pós-graduação. Isto porque, o surgimento de ações afirmativas inseriu nos ambientes acadêmicos indivíduos

socialmente marginalizados que possuem o perfil semelhante as vítimas desses acontecimentos violentos extremados.

Ademais, da referida análise foi possível observar que ao longo do tempo, os assassinatos em massa deixam de ser um problema da área rural e se inserem no contexto social das grandes cidades. O crescimento da produção acadêmica e de pesquisas sobre chacinas a partir de 2014, também pode-se justificar pelo aumento da ocorrência de homicídios na sociedade brasileira a partir desse período. Segundo dados do mapa da violência, a taxa de homicídio por 100 mil jovens na faixa etária de 15-29 anos entre os anos de 2007 e 2017 passou de 50,8 para 69,9, representando um crescimento de 37,5% (IPEA; FBSP, 2019).

Contudo, tal distribuição dessas ocorrências não se deu de maneira uniforme entre as regiões do país, sendo concentrada no ano de 2019 nas regiões norte, nordeste e centro oeste, que respectivamente tiveram taxas por 100 mil habitantes de 37 (região norte), 32,7 (região nordeste) e 25,27 (região centro oeste) (IPEA; FBSP, 2019). Todavia, curiosamente essas regiões, de acordo com os dados levantados que mostram a elevada concentração de homicídios nas regiões, não foram as que mais pesquisaram sobre as chacinas, como mostra o gráfico a seguir.

Figura 2 - Produções por região no país



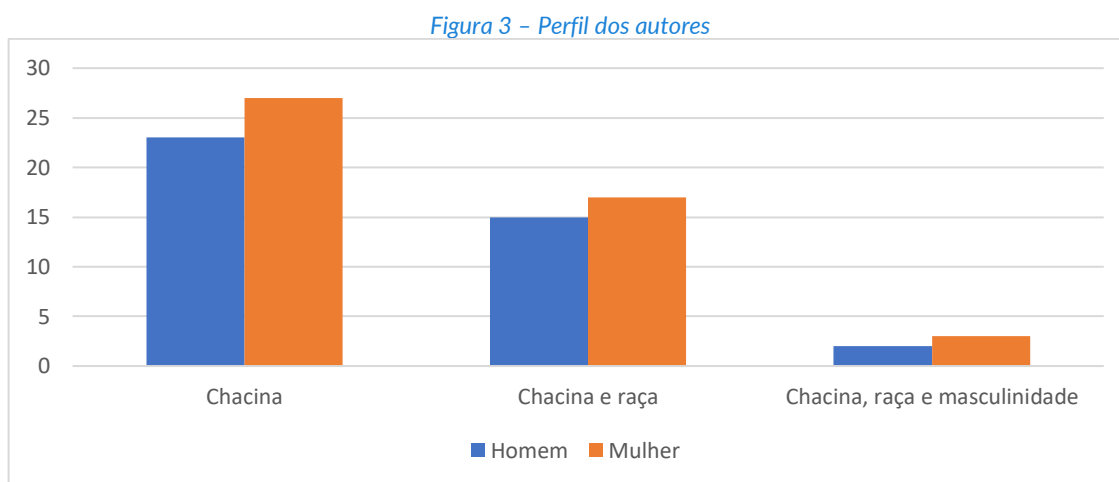
Fonte: Elaboração do autor a partir dos dados coletados nas plataformas

Esses dados não levam em conta a abrangência e concentração da rede, todavia, podem ser um importante indicativo, uma vez que fica evidenciado que as pesquisas e produções sobre chacinas nos programas de mestrado e doutorado do país se concentram na região sudeste, que não se encontra entre as regiões com maiores casos de homicídios como mencionado anteriormente. Desse modo, tal cenário pode

representar uma ausência de interesse acadêmico ou ainda, de dados concretos sobre os acontecimentos que ocasionaram esse quantitativo elevado de mortes nas regiões.

Nesse sentido, destaca-se que a maior produção sobre chacinas na região sudeste pode ser explicada pela maior concentração desses acontecimentos nessa região, em sua maioria em decorrência de operações policiais nas comunidades periféricas das cidades, os chamados morros, tendo o Estado do Rio de Janeiro registrado 3 das 4 chacinas mais letais da história do país<sup>6</sup>. Assim, se constataria que os homicídios só seriam objetos de estudo se fossem em sua forma extremada, sendo essas as chamadas chacinas.

Ademais, ao se realizar a análise de outro ponto da pesquisa, os perfis dos autores dos trabalhos, se verificou que em sua maioria foram desenvolvidos nos programas de mestrado, totalizando 36 trabalhos e a minoria nos programas de doutorado, que totalizam 14 trabalhos. Dessas pesquisas, se constatou que as mulheres abordam de maneira mais abrangente a questão das chacinas, correlacionando esses acontecimentos violentos com as masculinidades e raça, como evidenciado no gráfico abaixo, que mostra o comparativo entre ambos os sexos na tratativa das temáticas analisadas:



Fonte: Elaboração do autor a partir dos dados coletados nas plataformas

Portanto, observa-se que as mulheres acabam por analisar a problemática das chacinas com uma maior amplitude de campo de análise, a relacionando com a questão da raça e da masculinidade. Assim sendo, acabam por reconhecerem as ocorrências de chacinas como eventos violentos complexos, interpretação essa essencial para compreensão de sua real magnitude. Isso evidencia a necessidade de envolver mais



homens no debate público e acadêmico sobre masculinidade, haja vista que esta versa sobre algo que atinge a sua própria existência enquanto homem.

O presente levantamento surgiu com a finalidade de averiguar a maneira como as chacinas aparecem nas reflexões acadêmicas surgidas nos trabalhos de teses e dissertações. Isto porque, entende-se que as chacinas são constituídas de um emaranhado de campos que as tornam uma ocorrência de violência complexa de grande magnitude. Contudo, averiguou-se que ainda se mostram escassas essas produções, sendo as chacinas tratadas nesses poucos estudos de maneira lateral, sendo reproduzidas apenas como acontecimentos violentos, longe das interseções aqui analisadas.

Assim, observou-se que as chacinas são colocadas como um acontecimento violento concreto objeto de análise, como a chacina do Pan ocorrida no morro do alemão, a chacina ocorrida no bairro do Guamá em Belém, a chacina da praça sete jovens ocorrida no município de São Paulo, a chacina das cajazeiras ocorrida no Ceará, a chacina do Paar ocorrida em Ananindeua no Pará, dentre outras narradas sobre os mesmos moldes, ou seja, descrição de acontecimentos violentos ocorridos.<sup>7</sup>

Ademais, as pesquisas em sua maioria não tratam as chacinas como elemento central de análise, entendendo-se aqui como elemento central a análise minuciosa da ocorrência e não apenas sua citação. Assim, as chacinas foram sendo alocadas como meio para se atingir um determinado posicionamento acadêmico, mas não o elemento primordial desse pensamento, sendo referenciadas apenas como acontecimentos extremados de violência.<sup>8</sup>

Mesma problemática se repete em relação ao racismo, o termo raça aparece ao longo dos textos como referência a característica física das principais vítimas, sem, contudo, problematizar a questão do racismo como elemento desses eventos, ou seja, como principal motivador da vitimização desses jovens, estando presente com mais acentuação em apenas 05 dos 51 trabalhos analisados.<sup>9</sup>

Nesses, as chacinas são analisadas em diálogo com a questão do racismo estrutural como causador das violências letais, tratando do racismo de Estado e da seletividade desenvolvida por Foucault, bem como o racismo estrutural desenvolvido por Silvio de Almeida e a necropolítica de Mbembe. Nesse sentido, acerca do racismo em Foucault, Alvarenga Filho (2010), discorre que:

Como pode um poder (“biopoder”) que tem por alvo de seu exercício majorar os fenômenos da vida, se ocupar, como se torna flagrante na “Chacina do PAN”, da produção de morte? O racismo, segundo Foucault (2005), desempenha papel fundamental neste processo, pois o mesmo é aquilo que torna possível que os Estados Modernos façam uso do antigo poder de gládio (2003), ou seja, poder de matar. (ALVARENGA FILHO, 2010, pp. 28)

Somado a isso, concernente a necropolítica de Mbembe, Betina Warmlig Barros (2020), expõe que o autor desenvolve uma teoria localizada em uma “mobilidade global”, que se propõe a forçar o inimigo à uma submissão, destacando que:

A principal característica desse novo contexto conflitual é a expansão do exercício do direito de matar para além do monopólio exclusivo dos Estados. Surgem, portanto, diferentes instâncias jurídicas *de fato*, as quais se encontram geograficamente entrelaçadas, formando aquilo que Mbembe chama de “mosaicos de direitos de governar” (ibid., p.53). Para constituir essa pluralidade de ordens sociais, sejam legítimas ou não, o autor observa que segmentos de homens armados se dividem e se mesclam no restante do corpo social, a partir de uma grande capacidade de metamorfose e da manutenção de características próprias de uma organização política e de uma empresa comercial. (BARROS, 2020, pp. 41)

Dessa forma o racismo funcionaria como instrumento utilizado pelo Estado para matar, ou ainda, deixar matar, contudo, não de maneira uniforme, mas direcionada a determinada camada social, sendo essa a população habitante dos territórios periféricos do país, em sua maioria indivíduos negros. Nesse sentido, existiria uma seletividade que determinaria as vidas a serem executadas e as que deveriam viver, em uma chamada biopolítica.

Sobre isso, Laura Gonçalves de Lima (2016, p. 99) uma das autoras que tratam das chacinas, racismo, mas não desenvolve a temática masculinidade, todavia merece destaque por sua relevante produção, expõe que:

Dentro dessa economia do biopoder, do poder de vitalidade e extermínio de populações, o racismo aparece como elemento discursivo central à função de morte massificada, ao genocídio. Em outras palavras, poderíamos dizer que a biopolítica, enquanto ferramenta de controle de populações, é composta de duas estratégias fundamentais, fazer viver, as técnicas disciplinares que, de certa forma, operam a normalização cultural, o etnocídio, e o deixar morrer, o genocídio. Assim sendo, o racismo parece ser, além de uma formação discursiva, um mecanismo governamental de extermínio das populações descartáveis, ou seja, daquelas as quais a biopolítica não se aplica enquanto tecnologia de adestramento, daquelas que os governantes preferiam ver extintas.

Assim sendo, tendo em vista que os negros, a partir da perspectiva das elites eurodescendentes, impediam a efetivação da “civilização europeia nas américas”, estes passaram a ser alvos de uma verdadeira assepsia social, tendo suas vidas eliminadas nesses eventos extremos de violência. Nesse sentido, o racismo estrutural no entendimento de Silvio de Almeida representa a exclusão da população negra como sua função precípua (no mercado de trabalho, no acesso à saúde, educação de qualidade, entre outros), isso não de modo individual, mas sim com o resultado das instituições, que formulam uma dinâmica em que confere, ainda que indiretamente, privilégios com base na raça. (Almeida, 2019. p. 26)

Posto isso, insta salientar que o racismo funciona aqui como um mecanismo que orienta e permite a conformação das almas, isto é, a aceitação social frente à extrema violência em que populações inteiras são submetidas, de modo que se passou a se naturalizar a morte de crianças por “balas perdidas” e a exterminação de milhares de jovens negros por ano na sociedade brasileira (ALMEIDA, 2019, p. 75).

Comumente, esses acontecimentos chamados de chacinas possuem um alvo principal, haja vista que esses jovens se encontram inseridos em uma necropolítica, entendendo-se essa como mecanismos orquestrados em eliminação de indivíduos, formada a partir de um racismo estrutural fundado nos períodos antigos, que orienta a seletividade dessas vidas como um instrumento de “higienização” social.

Nesse sentido, se torna evidente a motivação dos jovens negros como principais alvos desses acontecimentos de violência extrema. O viés racial é evidente segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública publicado em 2019, no qual aponta que houve um crescimento de 19% de mortes por policiais em relação ao ano de 2018, das quais 75% das vítimas são negras e, entre elas, 78% são jovens, ao se observar a questão de gênero se constatou que 99% são homens, ou seja, a maioria das vítimas são jovens negros e esses jovens são homens (BAOBÁ, 2020).

Nesse ensejo, ressalta-se que esses jovens alvos dessas chamadas chacinas em sua maioria são homens, como destacado nos trabalhos, bem como que os autores quase em sua totalidade também o são, o que muda entre ambos, em alguns casos, é a cor da pele (MORAIS, 2016). Assim, vislumbrasse a existência de uma chamada masculinidade, se apresentando essa como um constructo social que envolve os homens e atingem de maneira direta ou indireta a toda sociedade, presente nessas ocorrências,

de modo que as orienta em sua execução, seja na realização, seja na vitimização. Em suma, são eventos em que homens se reúnem para matar outros homens, devendo por tanto serem alvo de análise e pesquisa.

Acerca dessa temática, a autora Betina Barros (2020, p. 51) quando trata acerca das masculinidades subalternas, destaca que:

Mesmo na sua forma marginalizada, a masculinidade sustenta-se em uma estrutura de desigualdade que, para se manter ativa, necessita utilizar a violência. Sobre esse binômio violência-masculinidade, Connell especifica as duas principais justificativas para tal vinculação: uso da violência para sustentar a dominação dos homens diante das mulheres e como política de gênero entre os próprios homens. Essa segunda forma de demonstração da violência seria mais explícita no caso, por exemplo, dos homens cujas masculinidades marginalizadas não permitem que eles exerçam sua dominação pela superioridade intelectual, econômica ou pela aquisição de um trabalho estável que possibilite a construção de uma masculinidade organizada em modelos de classe trabalhadora.

Assim, a violência decorrente desta masculinidade se apresentaria como um instrumento utilizado para imposição de poder sobre os demais, com a finalidade de se obter respeito e privilégios. Entendimento esse seguido por Sandoval de Oliveira (2020, p.140) ao analisar a questão da violência policial nos casos de chacina, como mostrado a seguir:

O último traço organizacional elencado, “a masculinidade do grupo”, não provinha somente das estruturas de controle social repressivos, mas concorria para que essas estruturas funcionassem melhor. Nas unidades de repressão, as interações sociais eram baseadas no poder e na competição por reconhecimento. “A atrocidade era incentivada pela competição masculina normal, que era ainda mais exagerada por seu funcionamento em uma burocracia competitiva ativada por um clima de guerra” (ibid., p. 448-449), logo, a capacidade de demonstrar uma “masculinidade bem-sucedida”, sem resquícios de quaisquer sentimentos identificados como sinal de fraqueza, era essencial para conseguir e ter respeito do grupo. “Ser forte, corajoso e controlado (...) são (...) requisitos da masculinidade [...]” (ibid., p. 173-174) esperada no policial da repressão.

Desse modo, se torna possível entender a masculinidade como um instrumento presente nesses acontecimentos de violência extremada, uma vez que se utiliza dessa violência para imposição de poder e busca por respeito, em uma espécie de mensagem oriunda do extermínio de vários corpos.

Todavia, ao ser realizado o levantamento das pesquisas, se averiguou que apenas 5 das 51 pesquisas citam o tema masculinidade e apenas uma delas o trata como um elemento central. Em quase a totalidade delas, a masculinidade é reduzida ao exercício de práticas violentas como intrínseca do gênero masculino, apenas uma se propõe analisar as questões das masculinidades subalternas e heterogêneas, colocando a violência como elemento de aquisição de relevâncias na vida de alguns jovens negros por meio de organizações criminosas.

Assim sendo, percorrem um caminho argumentativo em que os homens inseridos em um esquema de honra, utilizam da violência como símbolo de poder e captação de prestígios por seus iguais e os demais, sendo um elemento de uma maior virilidade, o que acabaria por os tornarem mais homens que os outros. Nesse sentido, Manoel Johnson Sales (2019), em sua pesquisa coloca a arma como objeto desse exercício da violência e consequente imposição de superioridade. Ao realizar uma pesquisa sobre violência policial, Sandoval de Oliveira (2020, p. 122), discorre que:

Nas unidades de repressão, as interações sociais eram baseadas no poder e na competição por reconhecimento. “A atrocidade era incentivada pela competição masculina normal, que era ainda mais exagerada por seu funcionamento em uma burocracia competitiva ativada por um clima de guerra” (ibid., p. 448-449), logo, a capacidade de demonstrar uma “masculinidade bem-sucedida”, sem resquícios de quaisquer sentimentos identificados como sinal de fraqueza, era essencial para conseguir e ter respeito do grupo. “Ser forte, corajoso e controlado (...) são (...) requisitos da masculinidade [...]” (ibid., p. 173-174) esperada no policial da repressão.

Contudo, tais elementos não se resumem a vivência apenas de policiais, estando presente em todo um coletivo de indivíduos masculinos, em que o homem desde sua concepção é inserido em uma realidade em que não pode apresentar sinais de fraqueza, sob pena de redução de sua masculinidade, devendo sempre ser forte, viril e usar da violência quando sua masculinidade for violada.

Assim sendo, se compreende o motivo pelo qual os homens se apresentam como principais autores desses acontecimentos, haja vista que as chacinas se constituem como um acontecimento violento de grande magnitude, o que acabaria por fornecer uma maior masculinidade sobre os demais, isso dentro dos órgãos militares e nos grupos criminosos.

Logo, se conclui que tanto o racismo, quanto a masculinidade se tornam elementos essenciais na compreensão das chacinas, como eventos de violência extremada, isto porque, estão intrinsicamente ligados nessas ocorrências. Todavia, os estudos sobre estes acontecimentos, até o período do levantamento realizado, não os tinham como elementos da pesquisa, o que acaba reduzindo a compreensão da complexidade deste fenômeno.

## Masculinidades negras e chacinas

“Nesta terra de chacinas  
Estas balas assassinas  
Todos sabem de onde vem.  
É preciso que a justiça e a igualdade  
Sejam mais que palavras de ocasião  
É preciso um novo tempo em que  
Não sejam só promessas repartindo  
A terra e o pão.  
A hora é essa de fazer a divisão.  
Eu não consigo entender  
Que ao invés de dar um quinhão  
Seu povo<sup>10</sup> mereça ter  
Só sete palmos de chão”

Em muito contribuem para a compreensão da violência direcionada a homens negros os estudos acerca da masculinidade, e mais especificamente com relação à posição reservada à masculinidade negra. Tal fato se dá em razão de esta ser:

Uma construção cultural que legitima uma série de relações hierárquicas entre homens e mulheres, mas também entre os próprios homens. É importante reconhecermos que ela atua ao lado de outras categorias sociais que legitimam hierarquias de poder (MOREIRA, FABRETTI, 2018, pp. 29).

Nesse ensejo, ressalta-se que se impõe na sociedade elementos como orientadores desta chamada masculinidade, sendo exemplos destes o homem como dominador, viril, o detentor do falo que fornece a ele poderes para exercer a liderança, a agressividade e a violência, com a finalidade de se utilizar destes instrumentos para reforçar sua superioridade sobre os demais (LOS SANTOS, 2019).

Diante desta narrativa, é imprescindível destacar que desde a sua infância o homem é inserido em um contexto social machista, que impõe a ele uma narrativa de dominador e detentor de um poder sobre as mulheres, sendo a virilidade imputada como um mecanismo de auferir maior masculinidade. Contudo, tal narrativa não se

limita apenas em relação a homem-mulher, estando presente também nas relações homem-homem, estando essa diretamente ligada a um “código relacional da honra” (MACHADO, 2001), sendo colocada a violência como um mecanismo utilizado para reafirmação de poder e restituição de uma honra afetada.

Lacan (1957), ao tratar da questão da masculinidade, realiza uma importante contribuição ao colocar o falo como um valor simbólico e imaginário, adquirido pelo órgão sexual masculino nas fantasias. Nesse sentido, ele deixa de se tornar o referencial do pênis orgânico e passa a ser um significante fundamental cujo valor está ligado às representações de potência e força. Assim sendo, o falo orienta toda organização dos sujeitos (masculinos e femininos) a partir da ausência ou presença deste poder (SAFATLE, 2001).

Dessa forma, se vislumbra no gênero um elemento responsável pela estruturação da sociedade, que parte do atributo sexual e biológico de um corpo para traçar os desdobramentos das relações sociais que ocorrerão na vida dos sujeitos. Nesse ensejo, ressalta-se que esse processo de significação acaba gerando estereótipos de gênero, que foram construídos e são difundidos pelas instituições sociais, se tornando a partir disso, o elemento que irá moldar os sujeitos na sociedade. (ANGERAMI & SILVA, 2018).

Nesta esteira, Kemmel (1988) discorre que as masculinidades são socialmente construídas, não sendo possível analisá-la como uma mera propriedade de algum tipo de ciência eterna ou mítica e tampouco, biológica. Sendo assim, por estar ligado ao contexto social, a masculinidade passa a adquirir facetas que a diferencia de acordo com a cultura, o decurso do tempo ou quaisquer outras variáveis sociais que gerem influência na mudança de pensamento e comportamento da sociedade. Sobre isso, postula que:

Não podemos falar de masculinidade como se fosse uma essência constante e universal, mas sim como um conjunto de significados e comportamentos fluidos e em constante mudança. Nesse sentido, devemos falar de masculinidades, reconhecendo as diferentes definições de hombridade que construímos. Ao usar o termo no plural, nós reconhecemos que masculinidade significa diferentes coisas para diferentes grupos de homens em diferentes momentos (KIMMEL, 1988, pp. 106).

Diante disso, não há que se falar em masculinidade no singular como se fosse algo único e universal, mas sim em masculinidades no plural, já que o termo encontra diferentes vertentes e significados em cada cultura, grupo social e período. Simplificar o termo como sendo um só, seria ignorar e minimizar a vivência e a realidade de pessoas que não se encaixem no padrão socialmente instituído.

Ademais, compreendendo as masculinidades como campos inter-relacionados, é possível constatar que as masculinidades se organizam a partir de uma desigualdade que orienta esta relação de poder, podendo alocar os sujeitos hierarquicamente nesta relação a partir de suas características, sendo os que possuem elementos que os tornem divergentes ao padrão estabelecido, posicionados em locais que lhe garantam menos poder e benefícios, em um chamado grupo subalterno.

Desse modo, ao se analisar a questão das masculinidades é possível concluir que são orientadoras das relações de poder na sociedade, não se limitando apenas a desigualdade de gênero entre homem e mulher, uma vez que se faz presente na própria relação entre homens, haja vista se desenvolver uma divisão escalonada de distribuição de poder e benefícios a partir das características raciais, étnicas, sexuais e da idade dos sujeitos (BOURDIEU, 2002).

Shay de Los Santos (2019), ao escrever sobre as masculinidades, esclarece que o universo masculino tido como ideal (hegemônico), é traduzido nas categorias de: jovem, heterossexual, cisgênero, branco, forte, rico e viril. Nessa perspectiva, é possível compreender a masculinidade como um padrão socialmente constituído, que tende a atingir de maneira positiva ou negativa um indivíduo, dependendo do grau de enquadramento neste padrão criado e reproduzido.

Seguindo essa compreensão de uma criação normativa de masculinidade, o autor expõe que essa masculinidade hegemônica tende a criar um modelo escalonado de masculinidades, sendo o homem que segue esses padrões considerado possuidor de uma masculinidade superior e gozador dos benefícios que essa oferece e, o que se afasta destes critérios, considerado detentor de uma masculinidade subalterna, gozando das implicações que essa acarreta, de tal modo que, o gênero, a raça e a classe, se tornam categorias classificatórias que atuam como moderadoras no processo de distribuição de poder na sociedade (ROSA, 2017).



A partir disso, se conclui que a masculinidade funciona como um esquema de fornecimentos de privilégios que fazem com que a maioria dos homens receba dividendos patriarcais com base em uma subordinação geral das pessoas que não a possuem. Contudo, tal distribuição não se limita nas relações homem-mulher, uma vez que as masculinidades hegemônicas (ser branco, heterossexual, rico e ocidental) estão sobrepostas a masculinidades marginalizadas ou subordinadas (aquelas identificáveis entre negros, gays, pobres, não brancos e transgêneros) (CONRADO; RIBEIRO, 2017).

Sobre essa masculinidade subalterna ou inferior, em especial a masculinidade negra aqui aduzida, Faustino e Ribeiro ao citar Du Bois, destaca que este ao suscitar o questionamento de “como é a sensação de ser um problema? ”, aduziu que “ser um problema” é uma estranha experiência de viver os “agradáveis desprezos” de uma vida marcada por um “recíproco desdém” e uma limitação da vida à um insosso sicofantismo, ou seja, uma vida caluniada, mentirosa, ordinária e parasitada, enganadora, uma vida de homens negros reduzida “a um hostil silêncio ao pálido mundo que os cerca e ao escárnio, desconfiado de tudo que é branco, ou consumindo-se numa amarga lamúria” (FAUSTINO; RIBEIRO, 2017, p. 03)

Assim sendo, se compreende que ao longo de sua vida os homens negros encontram-se limitados em exercer de fato uma masculinidade em sua plenitude e gozar de todos os benefícios patriarcais, tendo em vista serem vistos sob a visão da branquitude como uma vida desdenhada, inferiorizada e reduzida. A partir disso, insta salientar que tais visões oriundas de indivíduos brancos, acabam gerando relações de poder e subjetivação que acabam por aprisionar também o olhar do negro sobre si, ao ponto de este desenvolver uma consciência duplicada de si, aceitando o olhar distorcido daquele que o despreza (FAUSTINO E RIBEIRO, 2017).

Faustino e tal (2017), ao discorrer sobre as contribuições de Franz Fanon sobre isso, afirma que o negro veio ao mundo desejando identificar-se como sujeito, “ser um homem entre outros homens”, contudo, descobriu-se, paradoxalmente, apenas como um “objeto em meio a outros objetos”, enclausurado em uma “objetividade esmagadora”. Assim sendo, diante das relações coloniais e patriarcais, apenas e tão somente o (homem) branco possui o status de sujeito.

Nesse sentido, o branco assume o papel de expressão universal daquilo que se compreende por humano e aquilo que se entende por humano, em consequência,

representado pela branquitude. Assim sendo, ser “humano” é ser branco e o negro (não-ser), sedento por encontrar-se no olhar de um outro que só vê a si mesmo, passa a desejar ser branco, de tal modo que a busca para se fazer homem se constitua como um processo de autonegação: “um constantemente vigiar e punir a própria aparição”, que acaba ensejando em “um jeito de ser ou existir no mundo, em que o negro, não importa o quanto se pinte, mutile ou se esconda em uma máscara branca, jamais alcançará” (FAUSTINO, 2014, pp. 81).

Dessa forma, é possível observar que em que pese a masculinidade seja um mecanismo de poder e privilégios, em que os homens possuem dividendos patriarcais, essa não se distribui de maneira uniforme. Isto porque, como destacado acima, o padrão de masculinidade socialmente estabelecido, a partir da racialização social e do colonialismo, se amolda na branquitude, não gozando o negro destes benefícios, sendo vistos como vidas inferiores e desprezíveis, tendo inclusive, dificuldades para se identificar como homem negro e construir a sua própria masculinidade, haja vista não se enxergar no padrão hegemônico instituído.

Posto isso, partindo do pressuposto destacado de que a masculinidade é responsável por estabelecer na sociedade uma relação escalonada de poder e privilégio, em que, quem se encontra no topo goza mais desses benefícios, se compreende a necessidade de utilização da violência para restituição desse poder e conseqüentemente realocação dos indivíduos ao topo da relação. Diante disso, insta salientar que tal entendimento se encontra presente desde a infância dos homens, que são ensinados a não demonstrarem fraquezas e usarem da violência para revidar um mal causado, sendo esta um símbolo de força e coragem.

Ressalta-se que a utilização da violência como busca de restituição de poder, não é direcionada a todos e quaisquer indivíduos, mas aqueles pertencentes a um chamado grupo possuidor de uma masculinidade subalterna, sendo estes, homens, negros (pretos e pardos), pobres e periféricos, isto porque, se encontram alocados na base desta relação hierárquica, e por sua vez, possuidores de vidas desprezíveis e conseqüentemente, matáveis.

## Considerações finais

Tem-se como masculinidades, um emaranhado de elementos que perpassam sobre a existência dos indivíduos homens e atingem cada um de uma maneira, bem como reflete em quem não a possui, como as mulheres, de maneira direta ou indireta, positiva ou negativamente. Assim, se apresenta em uma masculinidade tida como hegemônica e uma masculinidade subalterna que recai sobre indivíduos divergente do padrão socialmente instituído.

Assim, elementos como raça e sexualidade são figuras que influenciam os efeitos que essa chamada masculinidade irá gerar, estando os homens negros alocados em grupo possuidor de uma masculinidade subalterna, possuindo menos benefícios e prestígios sociais, de modo que sua existência se torna menos relevante. Prestígio esse galgado na maioria das vezes por meio de práticas violentas legitimadas por uma espécie de código de honra.

Tendo essas informações como parâmetro, se tem que em casos de violência extremadas como a ocorrências de chacinas, os homens negros se tornam os alvos mais fáceis e conseqüentemente as principais vítimas, haja vista que as suas mortes acabam gerando menos comoção e revolta no cenário social, de modo que essa ausência de prestígio social acaba direcionando os projetos de morte aos homens negros.

Nesse sentido, a partir do levantamento bibliográfico realizado, vislumbra-se que, em que pese a correlação da raça e masculinidade nos eventos de chacinas destacados na presente pesquisa, os estudos realizados nos programas de pós-graduação analisados até o presente momento não se voltam a análise das masculinidades e o racismo como fenômenos interseccionados com as ocorrências das chacinas.

Mostra-se evidente a importância dos estudos concernentes as masculinidades para a compreensão da ocorrência das chacinas e a vitimização de homens negros. Tendo em vista que, ao se compreender a chacina como uma ocorrência de violência de grande magnitude em sua maioria ocasionada por uma lesão a uma honra sofrida, é possível observar a relação com as masculinidades, sendo possível, inclusive observar como essa interfere na escolha dos alvos dessa violência, a partir da relação escalonada instituída por ela.

Portanto, trabalhos como o aqui desenvolvido, apesar de serem em números reduzidos, em muito contribuem para análise da magnitude das chacinas como acontecimentos violentos, dando atenção a sua complexidade e atravessamentos, fugindo do reducionismo da ocorrência ao racismo estrutural tão comum nos trabalhos sobre violência nas periferias.

O foco sobre as masculinidades (negras) não ofusca outros elementos de análise como o aumento da violência de Estado, a política de guerra às drogas, a militarização das periferias. Isso traz outros elementos para análises futuras.

## Notas

- <sup>1</sup> Mestrando em Sistema Penal e Direitos Humanos pelo programa de pós-graduação em direito da Universidade Federal do Pará – PPGD UFPA, Bacharel em Direito pelo Centro Universitário do Estado do Pará – CESUPA.
- <sup>2</sup> Graduando em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Pará – FAD UFPA
- <sup>3</sup> Pós-doutora em Direito pela PUC-RIO, Doutora em Direito, Justiça e Cidadania no Séc. XXI pela Universidade de Coimbra – Portugal, Mestra em Direitos Humanos pela Universidade Federal do Pará, Graduada em Direito pela Universidade Federal do Pará - UFPA, Graduada em Ciências Sociais pela Universidade da Amazônia – UNAMA. Professora da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Pará, do programa de pós-graduação em direito da UFPA e do programa de pós-graduação em Direito e Desenvolvimento na Amazônia da UFPA– PPGDDA UFPA
- <sup>4</sup> MV BILL. **Soldado Morto**. Rio de Janeiro: Natasha Records BMG. 2002. Faixa 01 (7 minutos e 37 segundos)
- <sup>5</sup> A presente pesquisa analisou os trabalhos produzidos até a data do levantamento bibliográfico: 13 de fevereiro de 2022. Desse modo, passou-se a analisar os trabalhos produzidos até então, podendo o cenário das pesquisas sobre a temática, ter sofrido alterações nos meses posteriores a pesquisa realizada.
- <sup>6</sup> RIO REGISTRA 3 DAS 4 CHACINAS MAIS LETAIS DA HISTÓRIA EM POUCO MAIS DE UM ANO DE GOVERNO CASTRO. Brasil de Fato, 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/07/22/rio-registra-3-das-4-chacinas-mais-letais-da-historia-em-pouco-mais-de-um-ano-de-governo-castro>
- <sup>7</sup> A exemplo disso tem-se a dissertação da autora Marilene Rocha (2007), onde se utiliza da chacina ocorrida no bairro do Paar na cidade de Ananindeua no estado Pará, para descrever o exercício violento da polícia nessa ocorrência, seus limites e implicações.
- <sup>8</sup> Isso se torna evidente na dissertação da autora Fabia Brabo (2020) onde a autora em que pese trata da chacina ocorrida em 2014 na cidade de Belém, possui como objeto de pesquisa o modo em que os jornais locais trataram esse acontecimento e não a própria chacina em si.
- <sup>9</sup> Sendo esses: ROCHA, Marilene Sousa Pantoja da. **CHACINA DO PAAR”: As dimensões do poder no universo policial**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, p. 127, 2007. BARROS, Betina Warmling. **A COERÊNCIA DA CRUELDADE: Os significados da violência extrema para os envolvidos no tráfico de drogas no Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRS, Porto Alegre, p. 229, 2020. ALVARENGA FILHO, José Rodrigues. **A “CHACINA DO PAN” E A PRODUÇÃO DE VIDAS DESCARTÁVEIS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: “Não dá pé mão tem pé nem cabeça. Não tem ninguém que mereça. Não tem coração que esqueça”**. (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, p. 319, 2010. OLIVEIRA NETO, Sandoval Bittencourt de. **SANGUE NOS OLHOS: Sociologia da letalidade policial no estado do Pará**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Sociologia, Universidade de Brasília – UNB, Brasília, p. 415, 2020. SOUSA, Manoel Johnson. **AS PECULIARIDADES DA VIOLÊNCIA NO CEARÁ: Aventuras e maneiras de fazer o crime**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Sociologia, Universidade Federal do Ceará – UFC, p. 159, 2019.

<sup>10</sup> MUNHOZ, Pedro. **Procissão dos retirantes.** Música. Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=4196>. Acesso em: 10 jun. 2023.

## Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural.** São Paulo: Sueli Carneiro/ Pólen, 2019.

ALVARENGA FILHO, José Rodrigues. **A “chacina do pan” e a produção de vidas descartáveis na cidade do Rio de Janeiro: “Não dá pé mão tem pé nem cabeça. Não tem ninguém que mereça. Não tem coração que esqueça”.** (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, p. 319, 2010.

ANGERAMI, Adriana; SILVA, Ivone Maria Mendes. Significados em torno do “ser” homem: perspectivas de jovens rapazes acerca da masculinidade. In: **Simpósio Juventudes Contemporâneas**, I. 2018, Porto Alegre, anais, PUCRS.

BAOBÁ. **Pele alva e pele alvo: porque jovens negros continuam sendo vítimas preferenciais da violência.** 2020. Disponível em: <https://baoba.org.br/pele-alva-e-pele-alvo-porque-jovens-negros-continuam-sendo-vitimas-preferenciais-da-violencia/>. Acesso em 10 jan. 2023.

BARROS, Betina Warmling. **A coerência da crueldade: Os significados da violência extrema para os envolvidos no tráfico de drogas no Rio Grande do Sul.** Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRS, Porto Alegre, p. 229, 2020

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CONRADO, Mônica; RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate. **Revista Estudos Feministas [online]**. 2017, v.25, n.1, pp. 73-97. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n1p73>. Acesso em: 08 fev. 2022.

FAUSTINO, Deivison Mendes; RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. Negro Tema, Negro Vida, Negro Drama: estudos sobre masculinidades negras na diáspora. **Transversos: Revista de História.** Rio de Janeiro, n. 10, ago. 2017.

KIMMEL, Michael S. **A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas.** Tradução de Andréa Fachel Leal. Santiago, Chile, 1998. **Horizontes Antropológicos [online]**. 1998, v. 4, n. 9, pp. 103-117.

LIMA, Laura Gonçalves de. **CRIMES DE MAIO: Estigmas e memórias da democracia das chacinas.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade de Brasília – UNB, Brasília, p. 186, 2016.

MACHADO, Lia Zanotta. **Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea.** Ed. 290 de **Série Antropologia.** Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia, 2001.

MORAIS, Romulo Fonseca. **O extermínio da juventude popular no Brasil: uma análise sobre os “discursos que matam”**. Programa de Pós-graduação em Direito. Universidade Federal do Pará. 2016.

MOREIRA, A. J.; FABRETTI, H. B. (2018). Masculinidade e criminalidade em Moonlight: um estudo sobre as relações entre identidade e delinquência. **Revista De Direitos E Garantias Fundamentais**, V.19, nº (2), 43-98. Disponível em: <https://doi.org/10.18759/rdgf.v19i2.1373>

OLIVEIRA NETO, Sandoval Bittencourt de. **Sangue nos olhos: Sociologia da letalidade policial no estado do Pará**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Sociologia, Universidade de Brasília – UNB, Brasília, p. 415, 2020

PAIVA, Luiz Fábio S. Mortes na periferia: considerações sobre a chacina de 12 de novembro em fortaleza. **Revista o público e o privado, dossiê encarceramento e alternativas penais**, V.13, nº 26, jul. dez (2015), Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/issue/view/199>. Acesso em: 08 fev. 2022.

ROCHA, Marilene Sousa Pantoja da. **Chacina do Paar: As dimensões do poder no universo policial**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará – UFPa, Belém, p. 127, 2007

ROSA, Waldemir. Observando uma masculinidade subalterna: homens negros em uma “democracia racial”. In: **Anais do 13º Mundos de Mulheres & Fazendo Gênero 11**, Florianópolis, anais, UFSC, 2017.

RODRIGUEZ, Shay de los Santos. Um breve ensaio sobre a masculinidade hegemônica. **Revista Diversidade e Educação**, v.7, n.2, pp. 276-291, 2019.

SCHWARTZMAN, S. Pesquisa e Pós-Graduação no Brasil: duas faces da mesma moeda? **Estudos Avançados**, v. 36, n. 104, p. 227-254, jan. 2022.